

INFÂNCIAS E VIVÊNCIAS INFANTIS: DE CRIANÇAS COMO PROBLEMA A CRIANÇAS COMO POTÊNCIA

CHILDHOODS AND EXPERIENCES: FROM CHILDREN AS A PROBLEM TO CHILDREN AS POWER

Danieli Bachtchen 1
Aliandra Cristina Mesomo Lira 2

Resumo: Este estudo apresenta uma reflexão a partir do documentário *Bebês (2010)* e da obra *Quando eu voltar a ser criança (1981)* de Janusz Korczak, com o objetivo de reconhecer as diferentes infâncias e os sentidos que assumem. Realiza análise documental e explicita uma discussão assentada nos pressupostos da Sociologia da Infância. Nesse cenário, a criança é reconhecida como atuante em seu meio, dotada de características e especificidades próprias, cujas infâncias são igualmente diversas. Considera que o modo de conceber a infância depende de cada cultura. Pondera sobre os sentidos, significados e incompreensões vividas por crianças, considerando que socialmente assumem e se constituem a partir de diferentes olhares, em ambientes de múltiplas significações. Conclui que as crianças precisam ser escutadas, acolhidas e valorizadas em suas singularidades. Tornar visível o mundo das crianças é o caminho para humanizar, engrandecer e afirmar seus direitos em nossa sociedade.

Palavras-chave: Sociologia da Infância. Janusz Korczak. Crianças.

Abstract: This study presents a reflection based on the documentary *Babies (2010)* and the work *When I Am Little Again (1925)* by Janusz Korczak, to recognize the different childhoods and the meanings they assume. It performs document analysis and explains a discussion based on the assumptions of the Sociology of Childhood. In this scenario, a child is recognized as active in its environment, endowed with its own characteristics and specificities, whose childhoods are equally diverse. It considers that the way of conceiving childhood depends on each culture. It ponders on the senses, meanings, and misunderstandings experienced by children, considering that they socially assume and constitute themselves from different perspectives, in environments of multiple meanings. It concludes that children need to be listened to, welcomed and valued in their singularities. Making the world of children visible is the way to humanize, enhance and assert their rights in our society.

Keywords: Sociology of Childhood. Janusz Korczak. Children.

-
- 1 Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. Pedagoga na rede municipal de Mallet/PR, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5134443572741390>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9184-4414>. E-mail: danielibachtchen@gmail.com
 - 2 Pós-doutorado em Educação na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, Guarapuava/PR, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1931135933077916>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2945-464X>. E-mail: aliandralira@gmail.com

Introdução

Neste artigo, buscamos reconhecer as características das diferentes infâncias, os significados e incompreensões vividas e sentidas pelas crianças, tomando como análise duas produções que, de um lado, desvelam as vivências e conquistas infantis e, de outro, explicitam o olhar social que enxerga a criança pequena como problema, incrustado nas práticas. Nesse sentido, selecionamos como fonte de estudo a análise do documentário francês *Bebês* (2010) e da obra *Quando eu voltar a ser criança* (1981), de Janusz Korczak. Tanto o vídeo como o texto são assumidos como exposições que aguçam as reflexões e apresentam-se como ricas fontes para ressignificação das práticas e compreensões da vivência da infância.

Por muito tempo as crianças não foram reconhecidas em suas singularidades, sendo praticamente 'invisíveis' nos estudos e, com poucas considerações sobre seus modos de existir, integravam a sociedade como seres que se igualavam aos adultos, diferenciando-se desses pelas condições físicas, capacidades e habilidades que ainda precisavam ser desenvolvidas. Não havia uma consciência construída em torno da especificidade da infância, eram apenas adultos menores que ainda não podiam sustentar-se sozinhas e por isso precisavam dos responsáveis para suprir suas necessidades básicas (SARMENTO, 2008).

Nesse contexto, sem os devidos cuidados e acompanhamento, até o século XVIII a alta mortalidade infantil era comum e rotineira, as crianças compartilhavam dos mesmos tratamentos voltados aos mais velhos, sem que fosse direcionada atenção às suas necessidades ou que fossem cogitados pontos positivos de sua existência. Conforme destaca Sarmento (2004), durante parte da Idade Média as crianças eram consideradas como seres biológicos, 'adultos em miniatura' sem autonomia nem estatuto social; os direcionamentos e olhares interessados sobre quem são e como se constituem acentuaram-se com a Modernidade.

As considerações de Ariès (1981) sobre como historicamente a infância e a família foram assumindo novos contornos, nos ajudam a compreender como as sociedades foram, pouco a pouco, reconhecendo particularidades das crianças, especialmente descritas como seres frágeis que talvez valesse a pena conhecer. Uma nova sensibilidade passa a sustentar olhares, discussões e interesse, especialmente no século XX, sendo impulsionados estudos sob o enfoque de diferentes áreas, como a Psicologia, Medicina e Pedagogia, as quais conferem um novo estatuto para as crianças. Tal mudança de olhar se faz, sobretudo, pela necessidade da sociedade industrial da época em franco desenvolvimento, a qual precisava de sujeitos vivos e minimamente educados para mão de obra.

Desse modo, o século XX sustenta e fortalece uma ideia de infância incapaz, passível e necessitada de formação e educação, compreensão ainda bastante presente no ideário pedagógico, ou seja, a criança como um vir a ser, um cidadão do futuro. Em contraposição, no final desse mesmo século começa a desenvolver-se o campo dos estudos sociais da infância, compreendendo as crianças não só como integrantes sociais para os quais deveriam ser pensadas leis de proteção e educação, mas como sujeitos protagonistas e atuantes na construção da sua identidade e subjetividade. Nessa concepção, não são vistas como seres a serem preparados para o futuro, sob a influência de regras e padrões únicos, estabelecidos por adultos, mas como sujeitos que se relacionam com as marcas históricas, que produzem cultura e constroem significados a partir de suas relações com o contexto de vivência (SARMENTO, 2008).

Apesar dos avanços legais e teóricos que foram sendo delineados no processo histórico de constituição das compreensões de criança e sua infância, seu lugar em nossa sociedade ainda tende a ser fragilizado, com pouca escuta e consideração sobre seus sentimentos e vivências. Ampliar a visibilidade das crianças, atentar para suas experiências, conhecer como pensam, entendê-las em suas maneiras únicas e singulares de ser e de viver emergem como tarefas de extrema importância na legitimação de seus direitos. Como registra Thomas (2021, p. 293), "a infância é um conceito que, à primeira vista, pode parecer simples e direto, mas numa análise mais fina revela-se complexo".

Partindo de tal perspectiva, neste estudo nos propomos, inicialmente, a apresentar, em linhas gerais, as obras que instigaram as reflexões, fundamentando as proposições por meio das análises realizadas por Piass, Novais e Fernandes (2020), Almeida (2018) e Carvalho (2014). Nesse processo, descrevemos as principais cenas do documentário e trechos do livro que permitem nos aproximar e ampliar a compreensão sobre as fontes que sustentam essa reflexão.

Em seguida, apresentamos considerações sobre a Sociologia da Infância, a partir das reflexões proporcionadas por Sarmiento (2003; 2004; 2005), autor reconhecido por explicitar a existência de múltiplas infâncias, cada qual construída e significada socialmente em decorrência de diferentes contextos, anseios e particularidades. Também discorreremos sobre o papel social da criança, determinado pelo momento vivido e ressignificado a cada tempo e espaço.

Nesse caminho, realizamos uma explanação sobre o conceito de cultura, destacando a sua influência na constituição da identidade dos sujeitos. Para tal, destacamos os estudos de Hall (1997) e Barbosa (2007), os quais nos permitem considerar que a cultura atribui sentidos e significados às ações, sustentando a existência humana por intermédio de práticas individuais e sociais.

Na sequência, problematizamos o mito da infância feliz a partir da reflexão dos sentimentos e vivências das crianças, permeados por incompreensões e conquistas para seu desenvolvimento. Em meio a uma sociedade gerida por adultos, tende-se a invisibilizar ou desconsiderar os modos particulares de viver das crianças, restando pouco espaço para legitimação das suas vozes. Por fim, defendemos a infância como potência de vida com necessidades reais, curiosidades, conquistas, com destaque para a compreensão fundamental da importância da promoção de vínculos afetivos e acolhedores implicados no processo de humanização.

O foco do olhar: apresentação das fontes

‘Não é apenas das crianças que tratamos, quando tratamos de crianças’ (SARMENTO, 2003, p. 16).

Contar uma história significa fazer escolhas que imprimem diferença nas formas de representar, nas imagens e situações evocadas ou selecionadas para serem exibidas, compartilhadas. A partir dessa compreensão, nos debruçamos sobre duas produções as quais consideramos bastante representativas dos olhares possíveis para desvelar a vivência da infância.

Reconhecer as características das diferentes infâncias e aproximar-se dos significados e incompreensões vividas e sentidas pelas crianças incita considerarmos que não falamos delas isoladamente, mas sim vinculadas a um contexto histórico, social e cultural que permeia as relações humanas. Nessa tarefa, o documentário *Bebês*¹ (2010) e a obra de Janusz Korczak², *Quando eu voltar a ser criança* (1981), nos ajudam a problematizar tais vivências, uma vez que as situações compartilhadas colocam no centro das discussões a perspectiva das próprias crianças envoltas em enfrentamentos diários, configurando-se como produtivas fontes para viabilizar ricas e instigantes reflexões.

O documentário *Bebês* (2010) é uma produção francesa dirigida por Thomas Balmès e retrata o primeiro ano de vida de quatro bebês, Ponijão, Bayar, Mari e Hattie, que vivem em diferentes países do mundo: Namíbia, Mongólia, Japão e Estados Unidos, respectivamente. Sem diálogos ou depoimentos durante a apresentação, as filmagens de cenas cotidianas vividas no seio familiar e social evidenciam uma linha do tempo das conquistas e desafios vividos por elas nas diferentes realidades. O espectador também é envolto pela trilha sonora de Bruno Coulais, que imprime ritmo e sentidos às cenas.

Durante a exposição, que tem duração de 79 minutos, são esboçadas características, modos de viver e se desenvolver específicas de cada uma das realidades. Nesses momentos, vivenciamos as crenças, tradições, costumes, hábitos que marcam e caracterizam a vida dessas quatro crianças, desde a fase final da gestação da mãe até o momento em que os bebês completam seu primeiro ano de vida, permitindo reconhecer semelhanças, bem como aquilo que é único, singular, próprio e que constrói a identidade da criança. Ao final, compreende-se que todos, imersos em diferentes

1 Por se tratar de uma produção francesa, o título original do documentário é *Bébés*. Neste estudo, optamos por utilizar a versão traduzida do termo para o português *Bebês*.

2 Janusz Korczak é um pseudônimo de Henryk Goldszmit. Reconhecido por ser precursor das iniciativas em prol dos direitos e do reconhecimento da total igualdade das crianças, o legado de Korczak como escritor inclui um total de 24 livros e mais de 1.400 textos publicados em várias revistas. Adaptado de: https://pt.wikipedia.org/wiki/Janusz_Korczak.

culturas e participantes de variadas experiências, se desenvolvem, passam a interagir com o meio e outras pessoas, num processo permeado pelo valor da vida cotidiana.

Conforme análise de Piass, Novais e Fernandes (2020, p. 48), o documentário focaliza momentos marcantes que permitem

[...] conhecer e reconhecer o que podem os bebês, como estes são curiosos e exploradores do mundo e como aprendem por meio de suas pesquisas, tendo ou não maior ou menor presença e proximidade adulta e maior ou menor diretividade por parte deles.

Um dos protagonistas, Ponijão, que vive numa aldeia em Opuwo-Namíbia, país no sudoeste da África, é apresentado a partir de uma vida marcada pela intrínseca relação e contato materno. A espera pelo seu nascimento envolve cantos, costumes e tradições muito próprias de seus habitantes, retratam situações vinculadas à cultura da aldeia. Ponijão é uma criança assistida, constantemente, seja pela sua mãe, seja por outras mulheres ou até mesmo por crianças que compartilham experiências e atividades habituais da localidade. Nesse cenário, a figura masculina quase não se faz presente, prevalecendo os cuidados, atenção e convivência desenvolvidos e direcionados pela figura feminina.

No documentário, a exposição do corpo da mãe e da criança durante as cenas é feita de forma natural, os protagonistas aparecem geralmente sem vestimentas, com aparatos para cobrir as genitálias. A higiene do bebê é feita pelo próprio corpo materno (boca, pernas) sempre que necessário, visto que não é habitual o uso de fraldas ou destinado um local específico para a realização das necessidades fisiológicas. O bebê explora o ambiente vivido livremente, interagindo com crianças, adultos e animais. O contato com o chão ocorre constantemente, passando a maior parte do tempo brincando com objetos que encontra sobre a própria superfície, pedras, torrões, ossos de animais, objetos descartados. A alimentação ocorre no seio materno, que permanece à disposição do bebê, sempre que deseja, e compartilhado com outras crianças do grupo, ações que de certo modo se distanciam do comumente praticado numa cultura urbana ocidental.

Conforme ressaltam Piass, Novais e Fernandes (2020, p. 50), “[...] assim acontece o processo de socialização entre eles e todas as suas relações sociais se desenvolvem em torno da convivência do compartilhar, do aprender com o outro, do dividir conhecimento e do descobrir com o próprio corpo [...]”. O equilíbrio e a coordenação motora, durante o período em que o bebê começa a engatinhar e dar seus primeiros passos, evidenciam destreza e são comemorados pelas mães do grupo.

Assim, Ponijão se desenvolve e “[...] os princípios educativos tomam como parâmetros a natureza como fonte direta de conhecimento e contato, a palavra e o gesto consensuado na comunidade como tradição” (PIASS; NOVAIS; FERNANDES, 2020, p. 50). Durante seu primeiro ano de vida, Ponijão participa de diferentes situações e se apropria da cultura, construindo suas experiências e subjetividade.

Em outro contexto, na Mongólia (Perto de Bayanchadman), país localizado na Ásia Oriental, o nascimento de Bayar, outro bebê protagonista do documentário, ocorre por meio de técnicas de relaxamento. Os cuidados ocorrem no hospital, o bebê é enrolado e preso a cobertores, fato que faz com que não possa se movimentar livremente. O som do aperto dos barbantes que o envolvem é bem claro na produção, podendo suscitar certo espanto em quem assiste.

Bayar, que mora em uma tenda na zona rural, permanece a maior parte do tempo na cama sozinho, preso pelo braço por um barbante amarrado a um pilar, para que a mãe possa realizar os afazeres domésticos e cuidados com os animais. A figura masculina também é pouco evidenciada na vida de Bayar, que convive majoritariamente com a mãe e seu irmão mais velho, que ainda é uma criança pequena. Em algumas cenas aparece quem se acredita ser o pai dele e, em uma situação, estão reunidos em família, com pessoas mais velhas em momento de alimentação.

Em várias situações, o irmão mais velho acaba agindo de forma agressiva ao bater, empurrar e forçar a alimentação, levando Bayar para passear e deixando-o solto em meio a criação de animais na propriedade da família, sem que a mãe, ocupada com outras atividades, perceba ou repreenda. Piass, Novais e Fernandes (2020, p. 53) enfatizam que:

[...] é visível que essa ação por parte da mãe gera o senso de responsabilidade na criança desde pequena; é como se o bebê já conhecesse tudo sem precisar de explicações, porque teve a experiência de viver cada situação na prática, com as próprias mãos e com o corpo depois do período de estar tolhido de movimentos pelo manto.

Quando passa a engatinhar e dar os primeiros passos, o bebê vive livremente em contato com as redondezas de sua casa, explorando o meio e o ambiente do entorno. A proximidade com os animais, como bois, vacas e ovelhas é recorrente, por vezes até gerando certo perigo. De acordo com Piass, Novais e Fernandes (2020, p. 52), “[...] conforme *Bayar* vai crescendo, percebe-se que ele se torna um bebê livre para conhecer o mundo no seu próprio tempo”. Seu desenvolvimento é marcado pela autonomia e independência, por conta das suas próprias escolhas, descobertas e do modo de vida daquela cultura e família.

Em uma realidade distinta, em Tóquio - Japão, a espera de Mari, durante a gestação, é compartilhada tanto pela figura materna quanto paterna. Seu nascimento ocorre em um hospital, cercada de médicos. Vivendo em um grande centro urbano, os cuidados direcionados à filha única do casal são realizados tanto pela mãe quanto pelo pai. É comum, durante as passagens, observar os pais interagindo com a criança enquanto tratam de outros assuntos de trabalho no telefone e/ou computador. A vida da menina se integra ao frenesi do cotidiano adulto da metrópole, quando anda de metrô, passeia em lojas, superestimada por sons, movimentos, cores. O olhar curioso da menina no colo dos pais ou no carrinho sugere a incorporação desse universo cultural permeado pela tecnologia, pelas indústrias e pelos transportes de uma grande cidade.

O contato com o colo não se evidencia com tanta intensidade. Durante o desenvolvimento do bebê, percebe-se que tem contato um grupo de crianças, não sendo possível saber se é no contexto familiar ou institucional, onde recebe cuidados e interage com outras crianças da mesma faixa etária. Mari ainda aparece num passeio ao zoológico e outras saídas. Os pais participam dos processos de interação, a criança é alimentada junto com a família, possui roupas, brinquedos e demais itens e materiais que sugerem o conforto e o consumo no cotidiano, em meio às inúmeras tarefas e atribuições dos responsáveis. Nesse cenário,

A ocupação e o trabalho à distância dos pais em parte proporcionam ao bebê a liberdade para explorar o ambiente que o cerca, porém, a exploração se limita a casa e ao que ela já conhece, sem grandes oportunidades de novas descobertas e de aguçamento da curiosidade (PIASS; NOVAIS; FERNANDES, 2020, p. 54).

Suas vivências, nesse contexto, revelam momentos de irritação e descontentamento por parte da bebê, que fica ociosa e almeja a todo tempo atenção e cuidado. Seu processo de desenvolvimento ocorre em meio a diversos estímulos, músicas, gestos, danças, na relação com diferentes materiais e objetos. Durante seu crescimento, seus primeiros passos revelam uma grande conquista, marcada pela alegria e satisfação da criança e seus familiares.

Em outro cenário, Hattie reside em São Francisco - Estados Unidos. Nasceu cercada de cuidados médicos e é retratada imersa em um ambiente que sugere amparo e presença de vários membros da família. A bebê possui contato com livros e histórias desde pequena, com interação e estímulo, inclusive durante o banho, no chuveiro com o pai ou na banheira com a mãe.

A higiene é destacada. Além do seio, se alimenta por mamadeira. A criança participa de passeios com os pais, vive cercada de grande quantidade de brinquedos e livros em um ambiente domiciliar com equipamentos que distraem a criança durante outros afazeres da família. Observa-se que a pequena está imersa e estimulada por diferentes aparatos, fazendo com que possa conhecer e explorar o cenário em que vive por meio do direcionamento e acompanhamento de adultos.

Predomina um contexto em que as ações são planejadas e intencionais com vistas ao desenvolvimento do bebê, ou seja, de certo modo, há uma artificialização, construção de situações cujo foco é a criança. Nesse cenário, sua autonomia tende a ser minimizada pela ação dos adultos, uma vez que está constantemente sendo assistida e direcionada.

No entanto, demonstra-se curiosa e ativa para explorar o mundo ao seu entorno. De acordo com Piass, Novais e Fernandes (2020, p. 55), “conforme o tempo passa e *Hattie* cresce, descobrindo e conhecendo o mundo de acordo com a sua cultura, ela se mostra um bebê que aprende enquanto faz, enquanto sente, enquanto passa por experiências”. Em meio a estímulos, atenção constante e supervisão de adultos, Hattie constrói sua subjetividade, aprende com seu meio e com as relações que estabelece entre os seus pares.

Em linhas gerais, ao destacar as passagens elencadas acima, salientamos que as percepções e significações construídas a partir dessa rica e intrigante produção são múltiplas, em parte também decorrentes da experiência e do sentimento único de cada espectador:

[...] em suas diferentes partes, a todo instante traz a visão de que cada criança desenvolve sua própria autonomia de acordo com o meio onde vive, sendo assim ele nos mostra constantemente que seu foco é a independência do bebê, e a liberdade que ele recebe no ambiente ao qual está inserido é de extrema importância para sua vida e formação (PIASS; NOVAIS; FERNANDES, 2020, p. 56).

De modo geral, o que percebemos é que dadas as especificidades culturais, os grupos e sociedades conferem tratamento e abordagens diversas para as crianças, lidando de modo distinto com os primeiros anos de vida nos variados âmbitos. De todo modo, os diferentes modos de ser, interpretar, se relacionar e agir no mundo, ou seja, a diversidade que nos caracteriza, impactam sobremaneira na vida infantil e são determinantes para o desenvolvimento.

O livro *Quando eu voltar a ser criança* (1981) de Janusz Korczak, escritor, médico, humanista e professor polonês que dedicou sua vida para defender os direitos das crianças no meio social, permite ressignificar as nossas práticas e olhares direcionados para/com a infância,

Seus escritos levam-nos a compreender a infância como um estágio da vida tão importante como qualquer outro, diferente de um entendimento de um período de desenvolvimento que tem por objetivo uma preparação para a vida adulta. Para Korczak, uma fase não se sobrepõe à outra, e a criança deve ser reconhecida pelo que é e não pelo que virá a ser (ALMEIDA, 2018, p. 43).

Como pontua Marangon (2019), Korczak se revela um autor cujas vida e obra se entrelaçam na defesa dos direitos das crianças, cujos pensamentos e escritos nos ajudam a enxergar o mundo pelas lentes infantis. Na obra em questão, com 157 páginas, é possível reviver muitas passagens que já experienciamos ou presenciamos em nossa própria vida. Ao narrar uma história em primeira pessoa, as cenas são de um professor que, num passe de mágica, volta a ser criança, resgatando as memórias infantis e a forma como se sente e enfrenta situações do cotidiano, imersas em um mundo construído, organizado e conduzido para e pelos adultos.

Korczak enuncia uma visão de criança interessada em compreender as coisas do mundo, embora viva momentos de dor, medo e angústia. Seus sentimentos, sejam eles de alegria, tristeza ou dor, são tão reais quanto aos de um adulto, e são expressos pelos mais diversos motivos (ALMEIDA, 2018, p. 56).

No primeiro capítulo, intitulado como “Primeiro dia”, Korczak relata minuciosamente as cenas presenciadas em um único dia de vida de uma criança. Atividades rotineiras, no âmbito escolar e familiar, que muitas vezes não deixam transparecer angústias e incompreensões vividas pelas crianças. Por meio da narrativa é possível entender como de fato as crianças se veem em um mundo de adultos, reprimidas, menosprezadas e diminuídas por simplesmente serem crianças e não terem vez e voz.

No segundo capítulo que prossegue com a narrativa, “Segundo dia”, nos é descrito que, como os adultos, as crianças também têm medos, falhas e que precisam de espaço para serem ouvidas e acolhidas. Em meio a imposições e silenciamento de suas vozes, as crianças guardam para

si angústias que estarão sempre vivas em suas memórias.

O termo “Malhado” como título do terceiro capítulo, leva o nome do cão de rua que o personagem adota na trama. Momentos que retratam preocupação com o animal e o receio de ser repreendido pelos adultos, o que nos faz pensar sobre a pouca consideração aos sentimentos infantis. Mesmo desejando adotar e cuidar do cachorro, sofre repressões e se vê obrigando a deixar o cão sob os cuidados de um amigo para não ser penalizado.

Tal fato também é explicitado no quarto capítulo, “Amor”, que direciona a atenção para sentimentos de carinho, afeto, cuidado que as crianças possuem por outros colegas e adultos, explicitando que o fato de gostar de alguém não deve ser motivo de ridicularização ou vexatório, mas ser visto e entendido como uma demonstração de respeito pelas emoções que permeiam a existência humana.

O quinto e último capítulo, “Dias Cinzentos”, pode traduzir-se a partir do seguinte excerto:

Quis ser criança de novo, livrar-me das cinzentas preocupações e tristezas de adulto; agora tenho outras, infantis, que doem mais. Não se iludam com o nosso riso. Olhem para dentro de nós, dos nossos pensamentos [...] temos outras preocupações, mas que não são menores; são mais profundamente sentidas (KORCZAK, 1981, p. 143).

O autor nos faz refletir que, em um mundo pensado para e pelos adultos, ao desconsiderar os sentimentos infantis (choro, tristeza, euforia), evidenciar os erros, ter pressa nas respostas, gritar, julgar, demonstrar falta de paciência, menosprezar, desacreditar, desconfiar, agir com indiferença, ridicularizar, humilhar, entre tantas outras ações condenáveis, a infância é fragilizada em suas particularidades.

Para tanto, partindo das exposições elencadas, a seguir, nos atemos a discutir e fundamentar a concepção de infância e cultura que permeia as reflexões desse estudo.

Infância e cultura: a diversidade e a constituição dos sujeitos infantis

“Conhecer as crianças impõe, por suposto, conhecer a infância”
(SARMENTO, 2002, p. 268)

O que se diz e se sabe sobre as crianças é fruto do olhar e da perspectiva do adulto. No documentário mencionado anteriormente, tangencia-se como o mundo adulto e as diferentes sociedades lidam com as crianças no primeiro ano de vida. Associamos a essa fonte de análise o escrito de Korczak que, a partir de ‘sua’ experiência, nos mostra como vive, pensa e sente uma criança. Tais produções nos ajudam a conhecer a infância e a entender como as crianças lidam com as questões corriqueiras, com os desafios, interesses, descobertas e até desmandos da vida adulta.

Desse modo, falar sobre crianças implica conhecê-las em sua integralidade, partindo das relações e experiências que constroem durante a infância. Nessa direção, a discussão teórica que sustenta as reflexões apresentadas é pautada nos estudos da Sociologia da Infância, que, conforme expressa Sarmiento (2005, p. 363), visam:

[...] constituir a infância como objeto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano, e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para eles.

Sob esse foco, a criança é vista como um sujeito não só integrante, mas atuante em seu meio, dotada de características e especificidades próprias manifestas nas relações com o contexto e com outros sujeitos. De acordo com Sarmiento (2004, p. 365-366), a infância é uma construção

histórica cujo estatuto:

É continuamente atualizado na prática social, nas interações entre crianças e nas interações entre crianças e adultos. Fazem parte do processo as variações demográficas, as relações econômicas e os seus impactos diferenciados nos diferentes grupos etários e as políticas públicas, tanto quanto os simbólicos, as práticas sociais e os estilos de vida de crianças e de adultos.

Tais apontamentos salientam que a infância não é vivenciada da mesma maneira em todos os contextos, lugares, tempos, espaços e culturas. Portanto, não falamos de uma infância universal e sim de múltiplas infâncias, que assumem características singulares em meio à diversidade. O documentário *Bebês* corrobora essa compreensão, pois focaliza quatro crianças de mesma faixa etária em diferentes culturas e explicita modos e costumes que soam até estranhos para muitos que assistem.

Assim, “os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças” (SARMENTO, 2005, p. 370). Ponijão, Bayar, Mari e Hatie, quatro crianças que vivem sob diferentes condições e realidades, cada qual pertence a um espaço geográfico, a uma etnia, a uma classe social e a uma cultura distinta. Como muito bem retratado nas passagens do documentário, todas as crianças desenvolvem-se nas relações com esse meio, aprendem os costumes e crenças a partir do acesso e contato direto com estímulos, com a natureza, as famílias, a cidade, os animais. Nesse cenário, assumem o protagonismo em maior ou menor grau, constroem e estabelecem relações com outras crianças e adultos.

As vivências no meio rural de Ponijão e Bayar diferenciam-se das experiências de Mari e Hattie que vivem nos grandes centros urbanos. No entanto, o documentário evidencia que cada criança dentro da sua própria cultura, das relações, dos contatos e vivências que estabelece e constrói aprende, descobre, inventa e cria.

Destarte, cabe destacar que o documentário “é um retrato da infância de múltiplas nacionalidades, no qual a diversidade cultural faz parte da narrativa, demonstrando estímulos e hábitos de infâncias tão comuns, mas tão diferentes” (CARNEIRO, 2014, p. 324). Nas diferentes passagens percebemos que cada cultura possui particularidades, maneiras de orientar, cuidar e direcionar suas ações para com os bebês, a partir das condições de vida e a realidade que cerca cada um dos contextos, o que pressupõe considerarmos que não há um jeito único de experimentar essa fase da vida.

Conforme destaca Sarmiento (2004, p. 6), “há várias infâncias dentro da infância global”, assim, não é possível universalizar, estabelecer padrões e rótulos, procurando encaixá-las em um modelo único e determinante. Em tempos e espaços diversos, não devem ser equiparadas em termos de desenvolvimento e expectativas, uma vez que as marcas são oriundas de variados modos de ser e de se conceber a criança.

Dessa forma, “[...] o que a contemporaneidade tem apontado é a pluralização dos modos de ser criança, a heterogeneização da infância enquanto categoria social geracional e o investimento das crianças com novos papéis e estatutos sociais” (SARMENTO, 2003, p. 1). Cabe destacar que, nesse cenário, as crianças não só são influenciadas e determinadas pela cultura na qual estão imersas, mas também são produtoras dessa cultura, deixam suas marcas e significações como atores sociais, que socializam e interagem com seu meio.

Nessa perspectiva, Candau (2008) nos ajuda a compreender que nossa sociedade é multicultural em face de contextos socioculturais, políticos e históricos diversos. Tal fato nos faz considerar que, em meio a dimensões continentais, nosso planeta é constituído por múltiplas culturas que se inter-relacionam. De acordo com Hall (1997, p. 16, grifos do autor), cada cultura é constituída dos sentidos instituídos nas ações sociais humanas, que visam definir e organizar as condutas:

Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem

nossas 'culturas'. Contribuem para assegurar que toda ação social é 'cultural', que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.

Sobre esse aspecto, Sarmiento (2005, p. 373) pontua que “[...] atividades e formas culturais não nascem espontaneamente; elas constituem-se no mútuo reflexo das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações”. Nesse âmbito, as crianças estabelecem laços com seu entorno e constroem sua história, como pode ser observado no documentário.

Atribuir sentidos às condutas humanas e compreender as relações estabelecidas nos faz considerar que “[...] todas as práticas sociais, na medida em que sejam relevantes para o significado ou requeiram significado para funcionarem, têm uma dimensão 'cultural'” (HALL, 1997, p. 32, grifo do autor). A cada tempo e espaço a cultura ganha delineamentos específicos e cambiantes, fruto da ação e interação social.

Hall (1997, p. 20) destaca que “[...] a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos - e mais imprevisíveis - da mudança histórica no novo milênio”. As transformações sociais e históricas refletem-se na maneira de compreender o mundo, o que incita reconhecer que as crianças “[...] possuem modos diferenciados de interpretação do mundo e de simbolização do real, que são constitutivos das 'culturas da infância', as quais se caracterizam pela articulação complexa de modos e formas de racionalidade e de ação” (SARMENTO, 2005, p. 371, grifo do autor).

Em relação às cenas do documentário, é possível apontar que os contatos, as proximidades, os estímulos, as oportunidades em cada uma das realidades expostas, revelam nitidamente que, com o passar dos meses, as crianças aprenderam por meio da imersão e convivência com os aparatos culturais que definem o grupo que estão inseridas, e as pessoas do seu núcleo de vida. Diferentes contextos lidam de forma diversa com a infância e as crianças, com costumes e iniciativas que, de algum modo, promovem ou limitam o desenvolvimento.

Ponijão e Bayar exploram seu próprio local de moradia, nesse âmbito, a figura paterna não se evidencia com intensidade, prevalecendo a tarefa de cuidar dos bebês exclusivamente à figura feminina. O desenvolvimento da autonomia, da exploração do ambiente em que vivem, mostram-se diferentes das vivenciadas por Hattie e Mari, que estão em contato constante com estímulos externos, recursos tecnológicos, brinquedos provenientes de lojas, interações com outras pessoas e ambientes além do círculo familiar, recebendo cuidados do pai e da mãe, os quais conciliam as tarefas de trabalho e a atenção direcionada aos bebês. O modo de vida das realidades expostas é diferente, cada qual explora o que é característico, o que faz sentido e define a cultura com a qual estabelecem relação.

Diante de um mundo que se renova e assume novos delineamentos constantemente, as crianças, tais como aponta Korczak (1981), são seres em desenvolvimento que absorvem as marcas de seu tempo. Portanto, “[...] em seus grupos, produzem culturas de crianças, e a reflexão sobre estas práticas empíricas nos possibilita perceber as diferentes culturas infantis” (BARBOSA, 2007, p. 1067).

Os processos de significação infantis incluem jogos, práticas e rituais permeados por especificidades e características, numa relação complexa e contínua com seu entorno: “as culturas infantis são constituídas pelos processos simbólicos através dos quais as crianças entretecem os fios do sentido com que interpretam o mundo e estabelecem as bases das suas interações com outras crianças e com os adultos” (SARMENTO, 2021, p. 181). Tal consideração se relaciona de maneira produtora às situações retratadas no documentário e às vividas no livro.

Os sujeitos na relação com a cultura, outros sujeitos, modos de vida, contextos, estruturam-se em condições para crescer, aprender, se desenvolver, construir suas experiências e identidades: “[...] crianças, em variados tempos e espaços, viveram a sua experiência de infância de modos muito diferenciados, portanto a infância é uma experiência heterogênea” (BARBOSA, 2007, p. 1065). Essa consideração nos faz compreender que, socialmente, a criança assume e se constitui a partir de diferentes olhares, em ambientes de múltiplas significações, tornando fascinante e desafiadora a diversidade humana e social.

Contudo, especialmente a obra de Korczak (1981) nos mostra como a criança pode ser vista

como problema, o que nos leva a desmistificar estereótipos frente à vivência da infância, num mundo pensado e gerido pelos adultos.

O ‘mito da infância feliz’: sentimentos e vivências

“Não se iludam com o nosso riso”
KORCZAK, 1981, p. 143).

É comum ouvirmos que ser criança é muito bom, evocando um saudosismo da infância como uma fase feliz e tranquila da vida, povoada de coisas boas, de despreocupação. Contudo, a epígrafe desta seção nos faz refletir acerca da incompletude de uma expressão, de uma fala, de um gesto, que, embora bastante importantes, muitas vezes não expressam verdadeiramente o que as crianças guardam em si. Ponderar sobre como a criança é vista socialmente e vive a infância mostra-se como uma tarefa complexa que extrapola análises simplistas. Nessa direção, Korczak (1981) nos ajuda a compreender tais aspectos, permitindo-nos desmistificar imagens construídas socialmente em torno da infância e considerar que tais influências dependem de cada cultura, que imprime um papel social às crianças, que as acolhe, que as escuta, ou não.

Situações relatadas no livro de Korczak (1981) expõem angústias e dificuldades incompreensões vividas pelas crianças, chamando a atenção para o fato de que o mundo adulto parece dar conta de tudo sem enxergar as crianças, sendo essas um problema: “é como se existissem duas vidas: a deles, séria e digna de respeito; e a nossa, que é como se fosse de brincadeira. Somos menores e mais fracos; daí tudo que nos diz respeito parece um jogo. Por isso o pouco caso” (KORCZAK, 1981, p. 152).

A discrepância entre o mundo adulto e o infantil demarcam mais as diferenças e a menoridade do que as especificidades, acabando por ofuscar os sentimentos das crianças. Conforme destaca Almeida (2018, p. 54), “a partir das sensações percebidas pela memória do adulto na criança é possível perceber a opressão e a violências às quais as crianças com frequência são submetidas”.

Sob esse ponto de vista, Sarmiento (2005, p. 368) indica que:

[...] a negatividade constitutiva da infância exprime-se na ideia da menoridade: criança é o que não pode nem sabe defender-se, o que não pensa adequadamente (e, por isso, necessita de encontrar quem o submeta a processos de instrução), o que não tem valores morais (e, por isso, carece de ser disciplinado e conduzido moralmente).

Tal exposição traduz muitas passagens expostas no livro de Korczak, que denuncia a voz infantil silenciada, desconsiderada em meio ao cotidiano adulto, em uma sociedade regrada e engessada por padrões de comportamento, interesses que atropelam as crianças e a infância. A superioridade adulta olha para as crianças em condição de inferioridade, como aquelas que pouco sabem, sentem ou pensam.

De acordo com Sarmiento (2003, p. 369-370), tais ações evidenciam-se

[...] com a imposição de modos paternalistas de organização social e de regulação dos cotidianos, o desapossamento de modos de intervenção e a desqualificação da voz das crianças na configuração dos seus mundos de vida e a colonização adultocentrada dos modos de expressão e de pensamento das crianças.

Nesse cenário, constrói-se a ideia de que ao suprir necessidades básicas, tais como, saúde, alimentação e escolarização as crianças estarão suficientemente amparadas e inseridas no meio social com a garantia de uma vida feliz e saudável. No entanto, tais considerações tendem a ser interpretadas erroneamente, visto que muito além de aspectos que envolvem o desenvolvimento físico ou intelectual, as crianças necessitam ser amparadas em sua integralidade, o que inclui seu pertencimento no mundo como seres ativos e atuantes, que pensam e constroem sua história de

vida.

Korczak (1981) lembra que as crianças se preocupam, se distraem, também sentem e percebem os olhares que lhes são direcionados. Tais aspectos convergem com a passagem abaixo, que retrata o mundo adulto e infantil, lado a lado:

A um adulto ninguém diz 'dê o fora', mas a criança ouve isso tantas vezes. É sempre assim: o adulto está muito ocupado, a criança está zanzando à toa; o adulto tem senso de humor, a criança faz palhaçadas; o adulto sofre, a criança choraminga ou berra; o adulto tem movimentos rápidos, a criança é agitada; o adulto está triste, a criança está de cara feia; o adulto é distraído, a criança vive no mundo da lua. O adulto ficou mergulhado em seus pensamentos, a criança está abobalhada. O adulto faz alguma coisa pausadamente, a criança se arrasta. É uma linguagem que pretende ser engraçada, mas resulta indelicada (KORCZAK, 1981, p. 95, grifo do autor).

Tamanha insensibilidade acarreta percepções distorcidas sobre quem são as crianças e qual o espaço que ocupam em nosso contexto. Desse ponto de vista, Almeida (2018, p. 51) destaca que as reflexões proporcionadas por meio do livro permitem considerar que "[...] embora haja momentos felizes e sublimes na vida da criança, as injustiças e os medos também permeiam o mundo infantil". Diante do seu silenciamento, as crianças interiorizam sentimentos e vivências, guardando-as para si, sem oportunidade de escuta atenta e sensível. Tal situação faz com que as crianças se sintam frágeis, explicitando que:

É incômodo a gente ser pequeno. A toda hora tem que se esticar levantar a cabeça. As coisas acontecem lá nas alturas, acima de nós. A gente se sente sem importância, desprestigiado, fraco, perdido. Talvez seja por isso que gostamos de ficar em pé ao lado dos adultos que estão sentados. Então podemos ver os seus olhos (KORCZAK, 1981, p. 37).

Olhar nos olhos, colocar-se no lugar das crianças é uma tarefa complexa e desafiadora em um cenário que tende a ser apressado e tratado sem a devida importância, com os assuntos liquidados às pressas, sem cuidado e atenção. Por esse motivo, conforme destaca Korczak (1981), as crianças constroem a percepção de que os adultos sempre estão desinteressados por seus relatos e que, nesse impulso, respondem fria e rapidamente um simples 'sim' ou 'não' para que possam findar logo o assunto tratado.

Não só as conversas dão o tom da relação, mas, como relata o autor, um tênis grande demais que dificulta a corrida, um casaco sem bolsos que impede que a criança guarde seus achados, enfim, uma sucessão de cenas cotidianas que ignoram as crianças e suas necessidades. Comumente ouvimos que "as crianças são os homens do futuro. Quer dizer que eles existirão um dia, mas por enquanto é como se ainda não existissem. Ora, nós existimos: estamos vivos, sentimos, sofremos" (KORCZAK, 1981, p. 152). Olhar e considerar a criança pelo que ela é valoriza sua potência e participação.

As infâncias e as crianças como potências: elas têm 'fome' de quê?

"Olhem para dentro de nós, dos nossos pensamentos"
(KORCZAK, 1981, p. 143).

Reconhecer as características das diferentes infâncias, os significados e incompreensões vividas e sentidas pelas crianças a partir de duas fontes de tamanha magnitude, mostra-se uma tarefa instigante e envolvente que não se esgota nas proposições apresentadas, mas se afirma como um caminho incessante que impulsiona sempre novos olhares. Nessa tarefa, o documentário *Bebês* (2010) e a obra *Quando eu voltar a ser criança* (1981), de Janusz Korczak, alargam nosso olhar

para considerar o papel social das crianças. As duas produções, cada qual a seu modo, evidenciam a potência de vida que envolve a infância e destacam como o brincar, as interações e relações são eixos estruturantes do desenvolvimento e da cultura infantil.

A sutileza das imagens retratadas no documentário oportuniza o reconhecimento dos diferentes modos de ser e de se viver a infância, nos fazendo perceber que cada criança assume, desde bebê, as marcas da cultura na qual está imersa. Nesse processo, interage com seus pares, explora, convive, se expressa e estabelece vínculos que consolidam sua identidade, seu jeito único e singular de existir, permeado por características e conquistas que, de certo modo, são universais e comuns, como a fala e o andar.

Diante das exposições, cabe considerar que não existe superioridade, nem hierarquização entre as culturas, uma vez que as significações variam de acordo com lugares e tempos. Em diferentes ambientes, as aprendizagens são construídas e consolidadas na relação com os contextos de vivência, permitindo que as crianças atuem e signifiquem seu entorno.

Ao nos colocar na posição de uma criança, em meio às suas memórias e sentimentos, o livro de Korczak (1981) mostra-se um material rico e tocante, cuja potência está em retratar experiências, desafios e enfrentamentos diários de um menino. A obra, em sua essência, nos faz compreender que as crianças clamam por compaixão, respeito e espaço, elas deixam transparecer a necessidade de serem vistas e consideradas em suas singularidades como protagonistas da sua história.

Almeida (2018, p. 43) lembra que “é preciso respeitar e compreender a criança segundo o seu próprio referencial e não o nosso, de adultos, como comumente tendemos a fazer”. Enxergar o mundo com os olhos de criança pode ressignificar nossas ações e encaminhamentos, tornando-nos mais justos e coerentes com a potência da infância.

As crianças são capazes de realizar reflexões, argumentam sobre o que vivem e experienciam, ou seja, pensam sobre os fenômenos que as atingem e dos quais fazem parte. Superar a subordinação à lógica de vida adulta é um compromisso que precisa ser assumido em respeito às crianças e à vivência de uma infância feliz.

Então, do que de fato as crianças têm ‘fome’? Pergunta ambígua que permite inúmeras interpretações e apontamentos, muito além das necessidades que envolvem a manutenção da vida em seus aspectos biológicos e físicos. Mais difícil de decifrar é a ‘fome’ no seu sentido figurado, aquela que pressupõe o refinamento no olhar, a escuta, o acolhimento, a atenção, a valorização das crianças em suas singularidades. ‘O olhar para dentro’, como nos faz refletir Korczak (1981), mostra-se como a tarefa impulsionadora de tais ações.

Em nossa sociedade, muito ouvimos e falamos ‘sobre’ crianças, sendo oportuno direcionar a ênfase para ouvir e falar ‘com’ as crianças, com a dignidade e o respeito que merecem. Legitimar seu lugar de fala, ressignificar a criança e seu papel em nosso contexto social, dar tempo a relações fortes e intensas, mostra-se uma direção para entendê-la como potência. Elas têm muito a nos dizer e temos muito a aprender por meio dos vínculos estabelecidos, no entanto, cabe a nós um diálogo aberto, uma escuta sensível e apurada, oportunizando momentos de acolhimento, para que de fato sintam-se valorizadas e pertencentes ao nosso meio. Nessa direção, tornar visível o mundo das crianças é o caminho para humanizar, engrandecer as relações e afirmar seus direitos em nossa sociedade.

Referências

ALMEIDA, Aline Alvim Lopes de. **As contribuições de Korczak para a infância, educação e direitos da criança**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. 112f. TCC (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Pedagogia. Florianópolis, SC, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/196701>. Acesso em: 20 set. 2021.

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as

socializações e a escolarização no entretecer dessas culturas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/KsN57fKpqH35MtdpqHfMZL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2021.

BALMÈS, Thomas. **Bebês**. Direção: Thomas Balmès. [S.l.]: Focus Features, 2010. 1 DVD (79 min). NTSC, color, 2010.

CARNEIRO, Ana Carolina Rocha. Infância e diversidade cultural: uma reflexão sobre o filme “Babies”. **Zero-a-Seis**. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 316-325, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2014n30p116/27696>. Acesso em: 25 ago. 2021.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Trad. Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 20 set. 2021.

PIASSA, Abinaira; NOVAIS, Thaís Regina Silva do Nascimento; FERNANDES, Renata Sieiro. O que nos dá a conhecer e pensar o documentário “Babies”? **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 19, n. 39, p. 47-64. 2020. Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2168>. Acesso em: 23 ago. 2021.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. 16 ed. Trad. Yan Michalski. São Paulo: Summus Ed., 1981.

MARANGON, Ana Carolina Rodrigues. Janusz Korczak e os direitos da criança: entrelaçando vida e obra. In: BOTO, Carlota (Ed.) **Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados** [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019. p. 171-187. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/fjnhs/pdf/boto-9786558240273-09.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância, exclusão social e educação como utopia realizável. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 265-283, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/KFYtzND57z8FLthFSZ3yCrB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003. Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto.; CERISARA, Ana Beatriz. (Orgs.). **Crianças e Miúdos**. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto: Asa, 2004. p. 9-34. Disponível em: <http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/104617678/Texto%20Aula%2011%20-%20Sarmento.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/66608>. Acesso em: 27 set. 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Culturas infantis**. In: TOMÁS, Catarina; TREVISAN, Gabriela; CARVALHO, Maria João Leote de; FERNANDES, Natália (Orgs.). *Conceitos-chave em Sociologia da Infância. Perspectivas globais*. Braga: UNIMINHO Editora, 2021. p. 179-185.

THOMAS, Nigel Patrick. **Infância como conceito**. In: TOMÁS, Catarina; TREVISAN, Gabriela; CARVALHO, Maria João Leote de; FERNANDES, Natália (Orgs.). *Conceitos-chave em Sociologia da Infância. Perspectivas globais*. Braga: UNIMINHO Editora, 2021. p. 291-296.

Recebido em 16 de março de 2022.

Aceito em 22 de junho de 2022.